

## O periodismo científico da Educação Física brasileira

Ari Lozzarotti Filho<sup>1</sup>

### RESUMO

O periodismo da Educação Física-EF tem seu marco na década de 1930 juntamente com a própria constituição do campo. Com quase 90 anos de existência foram criadas mais de 35 periódicos com diferentes focos de escopo. A partir da primeira década do Século XXI houve uma intensificação da atividade científica valorizando os periódicos científicos, colocando-os como principais agentes na EF. Para discutir o assunto, este texto está organizado em duas partes: na primeira com base nos dados disponibilizados nos websites apresento características dos 12 principais periódicos da EF brasileira. Na segunda, discuto alguns dos principais dilemas da editoria científica eleita a partir da minha experiência editorial e de uma revisão das publicações sobre o tema na EF. Como síntese, apresento que o periodismo no campo da EF a partir da primeira década do Século XXI se consolidou, se internacionalizou e vem buscando a profissionalização editorial.

**Palavras-chave:** Periódico científico. Educação física. Editoria científica

---

1 Dr. em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina, Docente da Universidade Federal de Goiás, Professor Colaborador do Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília, Editor Adjunto da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Esporte Lazer e Comunicação. Contato: lozzarotti@ufg.br.



## Science Journalism in Brazilian Physical Education

### ABSTRACT

The milestone in Physical Education journalism was in the 30s, along with the creation of the field itself. In almost 90 years of existence, more than 35 journals have been created, with different areas of focus. Since the first decade of the 21<sup>st</sup> Century, there has been an intensification of the scientific activity, as well as an appreciation of scientific journals, placing them among the main agents in PE. In order to discuss the subject, this text was divided into two parts: In the first part, based on the data available on the websites, I describe the characteristics of the 12 main journals of Brazilian Physical Education. In the second, I discuss some of the main dilemmas involving their scientific editing based on my editorial experience, as well as on a review of the existing publications on PE. In the conclusion, I indicate that that the journalism in the area of PE has become consolidated and internationalized since the first decade of the 21st Century and that it has been seeking editorial professionalization.

**Keywords:** Scientific journal. Physical education. Scientific publishing

## El periodismo científico de la Educación Física brasileña

### RESUMEN

El periodismo de la Educación Física-EF tiene su marco en la década de 1930 juntamente con la propia constitución del campo. Con cerca de 90 años de existencia, se han creado más de 35 periódicos con distintos enfoques de escopo. A partir de la primera década del siglo XXI hubo una intensificación de la actividad científica valorando los periódicos científicos, poniéndolos como los principales agentes en la EF. Para debatir el asunto, este texto está organizado en dos partes: la primera basada en los datos disponibilizados en los websites presento las características de los 12 principales periódicos de la EF brasileña. En la segunda, discuto algunos de los principales dilemas del editorial científico elegido desde mi experiencia editorial y de una revisión de las publicaciones sobre el tema en la EF. En síntesis, presento que el periodismo en el campo de la EF a partir de la primera década del siglo XXI se ha consolidado, se ha internacionalizado y sigue buscando la profesionalización editorial.

**Palabras clave:** Periódico científico. Educación física. Editorial científico

## INTRODUÇÃO

Foi uma grata satisfação receber o convite para escrever na seção temática especial alusiva aos 30 anos da revista *Motrivivência*, já que esta marcou a minha formação acadêmica, pois foi uma das principais fontes de estudo e pesquisa quando ainda era estudante do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Acompanhei no ano de 1993 a chegada do Editor e da própria revista que, oriundos da Universidade Federal de Sergipe, se mudaram para a UFSC. Foi na *Motrivivência* que publiquei meu primeiro artigo no ano de 1997 e no ano de 2008 coordenei a equipe que lhe deu formato digital. Até os dias de hoje, tenho estreita relação com a *Motrivivência*, pois continuo como membro de sua equipe editorial e sou autor e avaliador desse importante periódico brasileiro.

A partir dessa relação, elegi como tema para discussão “O periodismo científico da Educação Física brasileira”, tendo claro que a *Motrivivência*, com a veiculação acadêmica e científica em seus 30 anos de história, ocupa lugar de protagonismo no campo da EF brasileira, mantendo uma linha editorial clara e coesa, de marcação política em defesa dos direitos sociais, das minorias e de uma Educação Física crítica e comprometida socialmente. (SILVA et al., 2014)

O texto está organizado em duas partes. Na primeira, com base nos dados disponibilizados pelos *websites* apresento características dos 12 principais periódicos da EF brasileira (Ano, Vínculo, Escopo, Taxa de publicação, Idioma, Plataforma, Indexador e Qualis/EF). Na segunda parte, discuto alguns problemas da editoria científica a partir de uma revisão dos estudos sobre o tema correntes no campo da EF e com base na minha própria experiência como editor da *Revista Pensar a Prática* (2003 a 2011), Coordenador do Portal de Periódicos da Universidade Federal de Goiás e como atual editor adjunto da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*.

## OS PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

O periodismo na EF tem seu marco inicial na década de 1930, juntamente com a própria constituição do campo. Com quase 90 anos de existência, mais de 35 periódicos foram criados (DE LIMA; SILVA, 2009) com diferentes focos de escopo.

Sob o ponto de vista histórico, destaco a *Revista de Educação Physica* criada em 1932 e que se manteve até 1945. Essa revista foi considerada a mais importante do seu período com características embrionárias da própria constituição da EF como campo acadêmico e de intervenção. Estudos apontam três eixos editoriais dessa revista: consulta, tira dúvidas, receituário e pesquisa sobre a EF e o esporte, os fundamentos pedagógicos e a prescrição e manutenção da saúde (SCHNEIDER; TOLEDO, 2009). Também vale mencionar a *Revista de Educação Física do Exército* criada em 1945 e que se manteve até os dias atuais com “altos e baixos”, mudança de nome, perda de periodicidade, etc. (DA COSTA, 2005)

É necessário destacar que o processo de constituição da EF e sua incorporação na atividade científica como conhecemos hoje, não estava presente nessas primeiras décadas da existência da EF brasileira, portanto, não estavam presentes também, nos periódicos daquela época.

No Quadro 1, apresento os periódicos do campo da EF brasileira presentes na atualidade que denomino de “próprios” desse campo, definição construída a partir de relações majoritárias com instituições e agentes da EF brasileira como: faculdades, entidades científicas e programas de Pós-Graduação. Também são próprias do campo a partir do seu uso como fontes de estudos sobre a atividade científica da EF. (JOB; GOELLNER, 2015), (LAZZAROTTI FILHO et al., 2012), (FERREIRA NETO; NASCIMENTO, 2002).

Como provocação, vale questionar se esse número de periódicos é suficiente para que o campo veicule o que produz, cumprindo o papel de divulgar, problematizar e fazer com que o conhecimento acadêmico e científico produzido pela EF avance.

Essa questão se faz necessária depois de 10 anos que Tani (2007) afirmou que temos muitos periódicos e que a EF não conseguiria manter todos eles, devendo escolher alguns para investir seus esforços. Talvez naquele ano não se tinha uma clara dimensão do crescimento exponencial que sofreria a EF brasileira. Hoje com mais de 1500 cursos de graduação, 34 Programas de Pós-graduação e com mais 400 Professores credenciados nesses programas, mais 500 grupos de pesquisa registrados no Diretórios de Grupos CNPQ e com uma atividade científica intensa, é possível afirmar que os periódicos não estão suportando a demanda de artigo submetidos.

Como ilustração, destacamos que no ano de 2017 Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) recebeu 300 artigos, a revista Movimento mais de 800 e a revista Pensar a Prática mais de 300. Com essa quantidade, é inimaginável nos dias de hoje fazer, por exemplo, aquilo que Lovisolo relatou sobre sua experiência como editor que lia todos os artigos submetidos ao periódico (LOVISOLO, 2014).

Também vale salientar que os periódicos brasileiros são praticamente os únicos no cenário da América Latina, o que nos coloca numa condição de protagonistas no continente, servindo de plataforma de divulgação mais próxima dos colegas latino americanos para os resultados de suas pesquisas.

Nesse sentido, os dados apresentados parecem garantir que temos sim espaço e produção para manter esse número de periódicos, os quais necessitam de mais apoio para garantir processos cada vez mais qualificadas dentro dos padrões de qualidade editorial.

**Quadro 1** – Periódicos da Educação Física Brasileira

Periódico	Ano	Vínculo	Escopo	Taxa	Idioma	Plataforma	Indexador	Qualis/EF
Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)	1979	CBCE	Generalista	Sim	Português, Inglês e espanhol	Evise	SCOPUS/ SCIELO	B1
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE)	1986	USP	Generalista	Não	Português, Inglês e espanhol	ScholarOne	SCIELO	B1
Revista Brasileira de Ciência e Movimento (RBCM)	1987	UCB	Generalista	Não	Português, Inglês, Espanhol	OJS	LILACS	B2
Motrivência	1988	UFSC	Corte de Área	Não	Português, Inglês, Espanhol	OJS	LILACS	B2
Revista da Educação Física (REF-UJEM)	1989	UEM	Generalista	Sim.	Inglês	OJS	SCOPUS/ SCIELO	B1
Movimento	1994	UFRS	Corte de Área	Não	Português, Inglês, Espanhol	OJS	ISI	A2
Motriz	1995	UNESP	Generalista	Não	Inglês	ScholarOne	ISI	A2
Revista Brasileira Atividade Física e Saúde (RBAFS)	1995	ABAFS	Temática	Não	português, espanhol ou inglês	OJS	LILACS	B2
Pensar a Prática	1998	UFG	Generalista	Não	Português, Inglês, Espanhol	OJS	LILACS	B2
Licere	1998	UFMG	Temática	Não	Português, Inglês, Espanhol e Francês	OJS	LILACS	B2
Conexões: Educação, Esporte, Lazer	1998	Unicamp	Generalista	Não	Português, Inglês, Espanhol	OJS	Latindex	B4
Revista de Cineantropometria e Movimento Humano (RBC&DH)	1999	UFSC	Temática	Sim	Inglês	OJS	SCOPUS/ SCIELO	B1

Fonte: Elaborada pelo autor.

## Ano de criação

Dos 12 periódicos científicos apresentadas o mais antigo é a RBCE, criada no ano de 1979 e único na década de 1970. Na década de 1980 quatro periódicos foram criados: RBEFE, RBCM, Motrivivência e REF-UEM. Na década de 1990 sete periódicos foram criados: Movimento, Motriz, RBAFS, Pensar a Prática, Licere, Conexões e RBC&DH. Esse dado coincide com o diagnóstico do anuário da Educação Física que afirma que a década em que se criaram mais revistas foi a década de 1990. (FERREIRA NETO, 2005).

O tempo de vida de um periódico é um bom indicador de qualidade e reconhecimento editorial. O ciclo de vida de um produto é também usado para análise do ciclo de vida dos periódicos. Os dois primeiros anos de qualquer produto constituem condição de sua existência para se firmar ou para ser abandonado e no meio editorial esses dois primeiros anos são cruciais para a manutenção ou abandono da editoria de um periódico, pois uma parcela significativa não sobrevive a esses primeiros anos.

Criar, manter, aprimorar, indexar, atrair bons produtos, captar recursos, definir escopo, montar equipe editorial etc, é uma tarefa complexa e que exige muito mais que boa vontade. Na Educação Física tivemos muitos periódicos que não conseguiram se manter no decorrer dos anos e hoje podemos afirmar que esses 12 estão consolidados. No entanto, como podemos constatar no Quadro 1, nenhum ainda está no patamar considerado de excelência dentro do Sistema Qualis de avaliação da Área 21, avaliado como um periódico A1.

## Vínculos institucionais

Barbalho (BARBALHO, 2005) categoriza os periódicos científicos como 1) Periódicos de edição universitária; 2) Periódicos comerciais; 3) Periódicos de centro de pesquisa, organizações não governamentais e instituições não acadêmicas e 4) Periódicos de agremiações profissionais.

Dos periódicos aqui analisados, identificamos dois tipos: os universitários e os de entidades científicas que poderiam ser enquadrados na terceira tipologia de Barbalho (2005). Os periódicos da EF brasileira, em sua maioria, são mantidos pelas universidades, sendo nove deles por instituições públicas e uma confessional. Nas universidades públicas estão RBEFE, Motrivivência, REF-UEM, Movimento, Motriz, Pensar a Prática, Licere, Conexões e RBC&DH; e mantida pela universidade confessional a RBCM, vinculada a Universidade Católica de Brasília. Duas são mantidas por entidades científicas, RBCE e RBAFS. Vale destacar que a RBCE e a RBCM mantêm um certo vínculo e parceria com as universidades públicas brasileiras, respectivamente com a Universidade de Brasília e com a Universidade do Mato Grosso do Sul.

Os periódicos científicos da EF brasileira são mantidos dentro do princípio das universidades públicas de acesso gratuito. Todos os periódicos usam um sistema de acesso aberto, ou seja, não cobram pela leitura e nem para “baixar” os textos. Com esse princípio,

contribuem para a democratização do acesso ao conhecimento científico produzido e veiculado nesse campo.

### Foco de escopo

Os periódicos selecionadas podem ser organizados em 3 grupos a partir do seu foco de escopo: generalistas, temáticos/disciplinares e os de corte de área/epistêmico.

Os periódicos generalistas são os que publicam artigos de todos os temas/objetos relacionados a EF, tanto os da biodinâmica como sócio-cultural e pedagógicos. (MANOEL; CARVALHO, 2011). No Quadro 1, é possível identificar os seguintes periódicos generalistas: RBCE, RBEFE, RBCM, REF-UEM, Motriz, Pensar a Prática e Conexões. Como exemplo a RBCE, assim anuncia seu foco de escopo: *“Publica (...) sobre os diferentes temas que compõem a área de Educação Física/Ciências do Esporte”*.

Os periódicos temáticos/disciplinares optaram por um tema/disciplina da EF sobre o qual esse campo historicamente tem pesquisado e/ou intervindo. Destaco os seguintes periódicos: RBAFS, Licere e RBC&DH. Exemplo do foco de escopo da RBAFS: *“Publica estudos de elevado mérito científico que contribuam para avanços na área de Atividade Física e Saúde (...)”*.

Já os periódicos com corte epistêmico são os que optaram por estabelecer no seu foco de escopo uma relação com uma ou mais área do conhecimento. Nesse caso, os seguintes periódicos se enquadram: Motrivivência e Movimento. Exemplo do Foco de escopo da RM [...]*Jaborda temas relacionados ao campo da Educação Física em interface com as Ciências Humanas e Sociais, mais especificamente em seus aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais.*

### Taxa de publicação

Manter um periódico científico com periodicidade regular, com equipe de edição, revisão, diagramação, sistemas de gestão e disponibilidade de acesso *online* funcionando 24 horas 7 dias por semana, etc. tem um custo elevado hoje no Brasil e no mundo. Segundo (GUANAES; GUIMARÃES, 2012) o custo de uma publicação científica tem presença discreta na literatura científica. Estimativas apontam que o custo de um texto em periódico digital varia entre US\$ 200 a US\$ 500. (KING; TENOPIR, 1998). Grandes corporações mundiais tem os periódicos científicos como um case de negócio, exemplo da Elsevier e da Clarivate Analytics.

A RBCE, segundo dados do CBCE, tem um custo aproximado de R\$ 100.000,00 ano. Os periódicos com uma estrutura editorial e com Técnicos Administrativos bibliotecários contratados especificamente para essa função acabam tendo custo acima desse valor, mas incorporados no sistema universitário brasileiro têm sua manutenção financiada por este sistema, o que corrobora para sua sobrevivência.

A maioria dos periódicos da EF brasileira além de manter o princípio do acesso aberto, também garantem gratuidade para a submissão e publicação. Dentre esses, destaque os seguintes periódicos: RBCM, Motrivivência, Movimento, Motriz, Pensar a Prática, RBEF e Conexões.

Os periódicos RBCE, REF-UEM e RCDH cobram uma taxa de publicação para os artigos aprovados, mas com política distinta. A RBCE cobra uma taxa de publicação de US\$ 250,00 para os autores não sócios do CBCE. A REF-UEM cobra uma taxa de publicação que varia de R\$ 200,00 a R\$ 8000,00. A Revista RCDH cobra as taxas de revisão, diagramação e tradução, valor que varia de acordo com o tamanho do texto.

Em estudo desenvolvido por Rodrigues e Abadal (2014) identificou-se que 97% dos periódicos brasileiros indexados na WEB OF SCIENCE e Scopus são publicados com acesso aberto. Esse índice é superior a outros países, a exemplo do caso espanhol onde apenas 55% são de acesso aberto.

## Idioma

Até a década de 1990 os periódicos da EF brasileira publicavam somente na língua portuguesa. A partir da década de 2000 com a tendência de internacionalização, os periódicos começaram a publicar em 3 idiomas, sendo eles: português, inglês e espanhol. A Licere é a única que aceita submissões no idioma francês, talvez pela tradição dos estudos em lazer terem a origem em autores Franceses (DIAS et al., 2017). Mesmo os periódicos indicando que no seu escopo recebem artigos em 3 ou 4 idiomas ainda é pouca a publicação de artigos que não sejam na língua portuguesa.

Recentemente, com o objetivo da internacionalização e buscando maior visibilidade junto ao indexadores, a Motriz, RBEF e RBC&DH passaram a publicar somente no idioma Inglês, porém esta é uma política controversa na EF, com críticas apresentadas a essa prática (ISAYAMA et al., 2014), (JOB; GOELLNER, 2015)

Algumas experiências foram realizadas com a Movimento e Pensar a Prática quando publicaram nos dois idiomas, português e inglês, mas foi a partir da tradução dos próprios artigos submetidos em Português. Tal prática somente foi possível através da captação de recursos junto ao Ministério do Esporte que viabilizou a tradução de algumas edições. (STIGGER et al., 2014)

## Plataformas web de gestão de periódicos

A primeira década do século XXI transformou a editoria científica da EF, incorporando novos sistemas de gestão ao migrar do formato papel para o digital. Num primeiro momento, os periódicos usavam *websites* para fazer a divulgação dos artigos. Posteriormente, com os sistemas de gestão editoriais específicos, desde a submissão até a publicação, todo o trabalho editorial passou a ser *online*. No início, combinavam-se os dois formatos,



impresa e digital, mas hoje a totalidade dos periódicos aqui discutidos usam somente o formato digital. No ano 2013 a RBCE deixou de publicar no formato impresso e no ano de 2016 a Motriz, sendo os dois últimos a passarem a publicar somente no formato digital.

A principal plataforma usada pelas revistas é o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), customizado do Open Journal Systems (OJS) e desenvolvido pelo Public Knowledge Project (PKP), da British Columbia University, do Canadá. O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) foi um dos responsáveis por criar as condições para a utilização e desenvolvimento desse sistema. Especificamente na EF o processo de incorporação do OJS pode ser creditado ao Ministério do Esporte que no ano de 2016, através de curso desenvolvido no II Congresso Brasileiro de Informação Esportiva (CONBIDE), no qual participaram vários editores, estimulou e impulsionou a utilização desse Sistema. O primeiro periódico da EF a migrar para o formato digital foi a Motriz no ano de 2005 seguida pela Pensar a Prática no ano de 2006. Importante dizer que todos os periódicos da EF aqui analisados usam ou já usaram o SEER/OJS.

O uso de sistemas *online* de gestão editorial foi um marco para a editoria científica e sua implantação e customização pelo IBICT com baixo custo de manutenção e com a política de acesso aberto possibilitou aos periódicos da EF darem um salto de qualidade, facilitando a profissionalização do trabalho editorial.

Recentemente, RBCE, RBEFE e Motriz passaram a usar sistemas de gestão de corporações científicas internacionais. A RBCE a partir de 2016 começou a usar a Elsevier plataforma pouco usada no Brasil, porém muito utilizada internacionalmente como é o exemplo do seu uso predominantemente na Espanha (RODRIGUES; ABADAL, 2014) with an emphasis on the distribution models used. It presents the general characteristics (age, type of publisher, and theme). A Elsevier é uma das mais antigas empresas editoriais do mundo nas áreas de Saúde, Ciências e Tecnologia. Hoje se consolida como empresa de soluções digitais com produtos no campo da ciência e tecnologia. A Motriz e a RBEFE utilizam a plataforma ScholarOne da Clarivate Analytics, corporação internacional com vários serviços acadêmicos científicos e que até 2016 pertencia à Thomson Reuters.

## Indexadores

Os indexadores científicos são responsáveis por reunirem um conjunto de títulos de periódicos em suas bases de dados, gerindo indicadores e conferindo visibilidade às publicações científicas.

Os principais indexadores científicos que são acionados pelos periódicos da EF brasileira são: Scientific Electronic Library Online (SciELO), International for Scientific Information (ISI), Literatura Latino-americana para Ciências da Saúde (LILACS) e Index Latino Americano (LATINDEX).

No ano de 2008, este era o quadro da indexação dos periódicos da EF brasileira: cinco indexados na base LILACS, um título indexado na SCIELO e nenhum nas bases Web of Science, ISI, JCR e MEDLINE. (JOB, IVONE, FRAGA, ALEX, 2008). Dez anos

depois, o quadro se alterou e somente as indexações dos periódicos da EF aqui analisados, conforme Quadro 1, são: 3 periódicos presentes no ISI, 4 no Scopus, 4 no SCIELO e 5 no Lilacs. Basicamente são esses os principais indexadores que dão suporte à classificação dos periódicos realizadas pela Área da 21 da CAPES, único sistema em vigor no Brasil.

### Qualis CAPES dos Periódicos

Dos 12 periódicos aqui apresentados, 2 estão nos estratos A2 – Movimento e Motriz; 4 estão nos estratos B1 – RBCE, RBEF-USP, RBEF, RBC&DH; 5 estão nos estrato B2 – RBCM, Motrivivência, RBAFS, Pensar a Prática, Licere; 1 está no estrato B4 – Conexões.

Até o ano 2000 não existia no país um sistema de avaliação institucionalizado para avaliar os periódicos brasileiros e, conseqüentemente, os da EF. Foi a partir desse ano que o Sistema Qualis CAPES foi instituído para avaliar a qualidade dos programas de Pós-Graduação, com a conseqüente implantação de um sistema de classificação da qualidade dos periódicos para a avaliação da produção intelectual dos pesquisadores e dos programas.

No Documento da Área 21 de 2000 os periódicos foram classificados como de circulação internacional e de circulação nacional. O critério para definir se um periódico era internacional foi com base no índice de impacto do JCR. Para os periódicos nacionais, foram considerados “A” aqueles indexados em bases de dados referenciais internacionais reconhecidas pela CAPES, “B” aqueles indexados no LILACS ou editado por sociedade científica nacional representativa da Área e os demais periódicos foram classificados como “C”. (CAPES, 2000).

Depois de publicados seis Documentos de Área, os critérios para classificação dos Periódicos assumiram um novo contorno em 2016, tendo o fator de impacto (FI) como o principal indicador. O FI é publicado pelo Journal of Citation Report (JCR) – serviço da Indexação na base ISI desde 1972. O JCR reúne os dados do Science Citation Index (SCI), Social Sciences Citation Index (SSCI) e Arts and Humanities Citation Index (AHCI), todos publicados pelo Institute for Scientific Information.

A implantação desse modelo de avaliação, assim como nas demais áreas, gerou e gera um debate intenso na EF, com inúmeros questionamentos (LOVISOLO, 2007; SILVA; SORIANO, 2013); (JOB, IVONE, FRAGA, ALEX, 2008). Mas é bem verdade que tal modelo fez também com que os periódicos brasileiros se qualificassem e se profissionalizassem, buscando padrões internacionais de gestão.

De toda forma, é importante reforçar que o Qualis estabeleceu uma métrica de avaliação da produção intelectual docente questionável, estimulando o chamado produtivismo acadêmico, com a supervalorização da quantidade em detrimento da qualidade dos produtos gerados pela pesquisa científica e da formação dos próprios pesquisadores. Argumenta-se que o Qualis foi concebido exclusivamente para avaliar a produção intelectual de programas de Pós-Graduação, sendo usado indevidamente para outros fins, a exemplo da avaliação do próprio pesquisador (RODACKI, 2016). Tal afirmação não se sustenta quando analisamos a realidade à luz da teoria bourdieusiana. Quando uma estrutura é estruturada

(Bourdieu, 2002) com regulamentação e normatizações de um órgão de Estado, pelo poder que possui e lugar que ocupa no campo acadêmico/científico brasileiro, a CAPES estrutura **a própria avaliação de produção reconhecida e validada no Brasil para** todas as demais esferas da vida acadêmica e científica.

## DILEMAS DA EDITORIA CIENTÍFICA

A profissionalização do processo editorial dos periódicos da EF brasileira é apontada como um dos grandes problemas para o desenvolvimento editorial desse campo. (VAZ et al., 2014), (ISAYAMA et al., 2014), (BARROS et al., 2014), (DA SILVA; DE LORENZI PIRES, 2014). A editoria científica foi sendo incorporada pelos agentes do campo como parte da atividade científica e na maioria dos casos os editores são convocados a assumirem esse trabalho sem uma formação prévia, a não ser aquela proporcionada por sua experiência como autores ou avaliadores.

É possível destacar iniciativas de formação de editores realizadas por setores da EF como as realizadas no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) de 2001 e de 2003 em Caxambú. Já no CONBRACE de 2005 em Recife, foi realizada uma mostra de periódicos científicos, com a participação de 10 periódicos da EF brasileira. Também o Fórum da Pós-Graduação da Área 21, no ano de 2009 em Florianópolis, convidou os editores e tematizou a editoria em suas discussões. Registra-se ainda a aproximação de editores e outros agentes do campo da EF com a Associação de Editores Científicos (ABEC), através do acompanhamento de palestras e cursos promovidos por essa associação. Vale destacar também a iniciativa de alguns periódicos que elaboraram dossiês sobre o trabalho editorial na EF, como a RBCE (2007; 2014), iniciativa retomada agora pela Motrivivência, garantindo um importante espaço para a reflexão editorial no campo da EF brasileira.

Se a preocupação no início da primeira década do século XXI era com a qualidade formal dos periódicos como à verificação se esse possuía o International Standard Serial Number (ISSN) (FERREIRA NETO; NASCIMENTO, 2002) dentre outros quesitos, é possível dizer que o periodismo científico avançou muito nos últimos anos (JOB, 2015), com uma política editorial consistente e com transparência dos procedimentos, mostrando amadurecimento do processo editorial e investimento dos editores e equipes editoriais.

Para exemplificar esse desenvolvimento Silveira e Tani (2008), chamam atenção para o fato de que a Revista Paulista de Educação Física no início da década de 1980 publicou artigos sobre como escrever um artigo científico, o que indicava a incipiência da atividade científica no campo da EF brasileira à época. Anos mais tarde, Ferreira Neto e Nascimento (2002) desenvolveram um instrumento para avaliar a qualidade editorial das revistas de EF. Mais recentemente, Job e Goellner (2015) criaram um instrumento para avaliar a qualidade dos periódicos da EF brasileira aplicado a 12 periódicos.

Todo esse processo demonstra a preocupação dos agentes da EF com a qualidade e o desenvolvimento editorial, sendo possível afirmar o avanço da editoria científica e a transparência de todo o processo como uma necessidade.

A publicação de resultado de pesquisa em um periódico científico reconhecido internacionalmente é condição de prestígio e, como afirma Bourdieu (2004), representa e agrega ao capital científico específico do pesquisador uma relação de poder e reconhecimento da sua contribuição com o desenvolvimento da sua área. Esse capital em disputa no campo acadêmico científico faz com que a transparência do processo editorial de um periódico seja cada vez mais exigida e valorizada pela comunidade.

O instrumento de avaliação de gestão editorial criado por Job e Goellner (2015) propõe 25 indicadores para avaliação de um periódico que devem estar disponíveis para acesso à comunidade. Indicadores como apoio financeiro, estatística de uso, armazenamento, indexação, ética na pesquisa, arbitragem, etc. exigem a transparência que deve ser observada, assim como, deve ser busca das equipes editoriais. A transparência dos processos e sua disponibilidade para toda a comunidade é condição de qualidade editorial e de respeito com os usuários.

Os periódicos estão recebendo cada vez mais artigos com baixa qualidade, às vezes sem o cuidado mínimo com a normalização. Tal fato pode estar associado às exigências de produtividade, já discutido acima, mas também através de “estruturas estruturadas” (Bourdieu, 2004) que a maioria dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) implantam. Exemplo é a exigência de um artigo submetido ou aprovado em um periódico científico como condição de integralização curricular pelo discente (DIAS et al., 2014).

Essa intensificação já se estruturou e a mesma exigência já figura nas disciplinas dos PPGEF. Também já há relatos de editores que identificaram essa prática na graduação, quando se exige dos estudantes a submissão de artigos como trabalho final de disciplina ou em substituição à monografia.

Por sua vez, o modelo de dissertação e tese conhecido como alternativo ou escandinavo começa a ser mais frequente nos PPGEF, o que alia a exigência de submissão e aprovação de artigos ao longo do curso com o próprio produto final exigido para a titulação, uma compilação desses artigos sob a forma de dissertação ou tese. Como exemplo, o PPGEF da UFSC apresenta as condições para o modelo de coletânea: *... no mínimo, três artigos científicos, sendo um publicado em periódico indexado e classificado nos estratos superiores do Qualis CAPES da área e dois artigos submetidos ou aceitos para publicação (com carta de aprovação do editor da revista) em periódico indexado e classificado, no mínimo, nos estratos intermediários do Qualis CAPES da área; (PPGEF, Norma 02 2008).*

Essa prática pressiona os periódicos, tanto no tempo exigido para a avaliação, que é diferente da integralização dos cursos, como no aumento significativo de submissões dessa natureza, conseqüentemente, exigindo mais do trabalho editorial.

Com essa prática, os PPGEF e os próprios professores, ainda que agindo com uma “boa intenção”, acabam transferindo uma responsabilidade de avaliação que é do seu Programa para os periódicos científicos. Tal prática não contribui para o desenvolvimento científico do campo e acaba inflando artificialmente o número de submissões aos periódicos. Como a submissão de um artigo figura nos Programas como exigência formal para outro fim que não o da divulgação científica, os autores na sua maioria não tem interesse em dar andamento ao processo avaliativo ante aos pareceres e exigências que lhe são

retornados, gerando assim um trabalho “perdido” para a equipe do periódico, inclusive para os avaliadores. Na maioria das vezes, tais submissões são recusadas ou simplesmente tem sua avaliação interrompida por falta de resposta dos autores.

Entendo que a pesquisa no Brasil tem uma estreita relação com o sistema de Pós-Graduação, mas há necessidade de um trabalho colaborativo entre esses dois agentes, PPGEF e periódicos científicos, pois os dois compõem o campo acadêmico/científico da EF e um não vive sem o outro.

A partir do ano de 2017 a CAPES começou a adotar uma nova política de avaliação da Pós-Graduação no que tange à produção intelectual. Essa mudança começou com as novas propostas de cursos através da Portaria CAPES 161/2017 que indica que será avaliado somente as cinco produções de cada docente permanente dos últimos cinco anos. Essa mesma política foi anunciada para a avaliação do próximo quadriênio.

Tal mudança poderá alterar a estratégia de produção dos pesquisadores do campo, pois como o resultado não será a soma e sim os melhores produtos do quadriênio, essa produção poderá ser articulada com elementos qualitativos como: adesão e coerência com a área e linha de pesquisa, protagonismo do autor etc. Isso pode desafogar os periódicos científicos que estão recebendo um número de artigos muito acima do aconselhável para fazer um bom processo de avaliação e, ao mesmo tempo, os pesquisadores podem dedicar mais tempo para também pensar sobre o que se faz e como se faz pesquisa no campo da EF, ampliando seus conhecimentos para além de uma especialidade restrita.

No ano de 2017, em sua reunião anual junto aos editores, a equipe do SCIELO, determinou que a partir do ano 2018 não serão mais indexados nenhum texto com o nome “editorial”, sugerindo aos editores usarem outros canais, como redes sociais, blogs, etc. para apresentar mudanças editoriais e divulgar o periódico.

Assim os periódicos ficam cada vez mais parecidos sem uma identidade própria. A *Motrivivência* é um exemplo de um periódico com uma especificidade peculiar: o editorial sempre marcante, intenso e com uma forte articulação com os problemas macrosociais; seções como *Porta Aberta* que possibilita a divulgação de bons trabalhos de graduação; as homenagens a membros da comunidade acadêmica científica nacional; as ilustrações de capa e seções com uma marcação estética articulando – ciência e arte.

Nas reuniões realizadas no ano de 2008 com os editores da *Motrivivência* para o seu processo de transformação para o formato digital, o principal desafio identificado foi o de manter essas características no formato digital. Foram várias as reuniões para encontrar uma forma possível para que sua identidade fosse preservada conforme o formato original em papel.

Esse momento que passou a *Motrivivência* tem uma relação com a crítica que se faz ao modelo “publicista”, visto como impróprio para o periodismo científico no qual deve ser divulgado somente resultado de pesquisa. Criticado por Tani (1996), que afirma que a EF possui muitos críticos para pouca obra de arte, e Vaz (2003), que critica o excesso de “literatice” na EF, o modelo publicista, que foi forte e presente em alguns momentos do periodismo da EF passou a ter menos espaço já há algum tempo. Da Costa (2005) avalia que a crítica – científica, religiosa, ideológica e literária etc. – é uma condição inerente

à atividade intelectual, por vezes associada à uma postura ética que não encontra mais espaço nos atuais modelos de periódicos.

Se num determinado momento tínhamos um excesso de “publicista” na EF, parece que na atualidade tal perspectiva está cada vez mais sendo deixada de lado, visto a exigência de internacionalização e padronização dos periódicos. Lovisolo (2014) lança o seguinte questionamento: como estimular a criatividade com tantas restrições? Refletir sobre si, avaliar as tendências da produção, discutir teorias e projetar mudanças por mais que seja “dolorido” é condição de existência e de amadurecimento de um campo acadêmico científico.

Alguns periódicos estão encontrando sua própria forma de manter esses debates através de dossiês temáticos, como é o caso da *Pensar a Prática* e da *Motrivivência* ou com a publicação de edições extras comemorativas ou temáticas como tem operado a RBCE e a *Movimento*. Assim, mantem-se vivo o debate acadêmico e se garante mais vida política e cultural aos periódicos, evitando-se sua assepsia e homogeneização, preservando-se a contradição e diversidade de um campo em movimento.

## PARA FINALIZAR...

Os periódicos são agentes do campo da EF brasileira e exercem um papel central na comunicação científica e que em seu curto período de existência têm avançado tanto nos processos como na qualidade editorial. Também percebo que a atividade científica sistemática tem se incorporada na EF brasileira, o que exigiu das equipes editoriais qualificação dentro dos padrões internacionais, no entanto, sem deixar de manter formas próprias de expressar sua especificidade e identidade.

Se avançamos muito na editoria científica, ainda temos enormes desafios a vencer, principalmente, no que tange ao financiamento, a profissionalização e a internacionalização. Temos que dar continuidade a esse trabalho constante, complexo, mas estimulante e desafiador.

## REFERÊNCIAS

- BARBALHO, C. R. S. Periódicos científicos em formato eletrônico: elementos para sua avaliação. **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, n. XV, p. 1–18, 2005.
- BARROS, M. V. G. DE et al. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde: experiências e processos editoriais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 4, p. 746–751, out. 2014.
- BRASIL. Portaria 161 de 22 de agosto de 2017. Avaliação de Propostas de Cursos Novos, APCN, de pós-graduação stricto sensu. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, n. 167, 30 ago. 2017. Seção I, p. 22 e 23.

- CAPES. **Documento de área**. Brasília-DF Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2000. Disponível em: <[http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/doc\\_areas\\_trienal\\_2007/2007\\_EducacaoFisica\\_Aval2004-2006.pdf%3E](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/doc_areas_trienal_2007/2007_EducacaoFisica_Aval2004-2006.pdf%3E)>
- DA COSTA, L. Ponto de Vista. **Arquivos em Movimento**, v. 1, n. 1, p. 95–95, 2005.
- DA SILVA, M. R.; DE LORENZI PIRES, G. Motrivivência, 25: Registros de uma trajetória, perspectivas de continuidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 4, p. 780–789, 2014.
- DE LIMA, L. F.; SILVA, R. P. DE S. Trajetória histórica da produção do conhecimento difundida nos periódicos da área da educação física no Brasil: 1930-2000. **Diálogos e Interação**, v. 2, 2009.
- DIAS, C. et al. Editoração científica e os descaminhos das políticas: experiências da Revista Pensar a Prática. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 4, p. 802–808, out. 2014.
- DIAS, C. et al. Estudos do lazer no brasil em princípios do século xxi: panorama e perspectiva. **Movimento**, v. 23, n. 2, 2017.
- FERREIRA NETO, A. F.; NASCIMENTO, A. C. S. Periódicos científicos da Educação Física: proposta de avaliação. **Movimento**, v. v.8, n. 2, p. p.35-49, 2002.
- FERREIRA NETO, Amarílio. Publicações periódicas de ensino, de técnicas e de magazines em Educação Física e esporte. In: DA COSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2005.
- GUANAES, P. C. V.; GUIMARÃES, M. C. S. Modelos de gestão de revistas científicas: uma discussão necessária. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 1, p. 56–73, 2012.
- ISAYAMA, H. F. et al. Licere: uma revista brasileira de lazer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 4, p. 773–779, out. 2014.
- JOB, IVONE, FRAGA, ALEX, M. N. Invisibilidade das revistas científicas brasileiras de educação física nas bases de dados. **Cadernos bad**, p. 14–26, 2008.
- JOB, I.; GOELLNER, S. V. Proposta de instrumento para avaliação da gestão editorial das revistas científicas brasileiras em educação física e ciências do esporte. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 13, n. 1, p. 207, 2015.
- KING, D. W.; TENOPIR, C. A publicação de revistas eletrônicas: economia da produção, distribuição e uso. **Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, p. 176–182, 1998.
- LAZZAROTTI FILHO, A. et al. Modus operandi da produção científica da Educação Física: Uma análise das revistas e suas veiculações. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, n. 1, p. 1–14, 1 abr. 2012.
- LOVISOLO, H. R. “Levantando o sarrafo ou dando tiro no pé”: critérios de avaliação e Qualis das pós-graduações em Educação Física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 29, n. 1, p. 23–33, 2007.
- LOVISOLO, H. R. Gestão de revistas: Algumas considerações e sugestões para o debate. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 4, p. 708–714, 2014.

- MANOEL, E. DE J.; CARVALHO, Y. M. DE. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**, 2011.
- PPGEF-UFSC. **Norma 02/2008**. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em <<http://www.cds.ufsc.br/doutorado/arquivos/Norma02PPGEF2008.pdf>>. Acesso em: dez. 2009.
- RODACKI, A. L. F. Revista brasileira de pós-graduação : RBPG. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 13, n. 30, p. 65–76, 2016.
- RODRIGUES, R. S.; ABADAL, E. Scientific journals in Brazil and Spain: Alternative publishing models. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, 2014.
- SCHNEIDER, O.; TOLEDO, M. R. DE A. A revista Educação Physica (1932-1945): fórmula editorial, prescrições educacionais, produtos. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20, p. 193–229, 2009.
- SILVA, M. R.; PIRES, G.L. Motrivivência, 25: registros de uma trajetória, perspectivas de continuidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 4, p. 780–789, out. 2014.
- SILVA, P. DA; SORIANO, J. Qualis Periódicos ea produção de capital científico nos Programas de Pós-Graduação em Educação Física. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 20, n. 1, p. 281–304, 2013.
- SILVEIRA, S. R.; TANI, G. 16680-19830-1-PB. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 22, n. 1, p. 35–44, 2008.
- STIGGER, M. P. et al. Os editoriais contam histórias: experiências do ofício de editor na Revista Movimento. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 4, p. 790–801, out. 2014.
- TANI, Go. Cinesiologia, Educação Física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 9-50, 1996.
- TANI, G. Educação física: por uma política de publicação visando à qualidade dos periódicos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 1, p. 9–22, 2007.
- VAZ, A. F. et al. Revista Brasileira de Ciências do Esporte: Dificuldades, desafios e dilemas da editoração científica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 4, p. 752–758, out. 2014.
- VAZ, Alexandre F. Metodologia da pesquisa em Educação Física: algumas questões esparsas. In: BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo (Coord.). **A Educação Física no Brasil e na Argentina: Identidade, desafios e perspectivas**. Campinas: Autores Associados: Rio de Janeiro: PROSUL, 2003. p. 115-127.

[Agradecimentos a Fernando Mascarenhas pela leitura da versão final com críticas e sugestões.]